

RESENHA

McGRATH, Alister. **Ciência e Religião**. Fundamentos para o diálogo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. ISSN 2965-5234

Ao apresentar seu modelo de quatro interações entre ciência e religião, Ian Barbour (1996) apontou que o diálogo entre elas é possível porque há sobreposição. Isto é, há uma proximidade entre o estudo da natureza e a doutrina da criação, entre os métodos de conhecimento da realidade, onde as ciências podem nos auxiliar na leitura do texto bíblico e as questões penúltimas nos levam às questões últimas.

Quando Alister McGrath explora essas ideias em seu livro “Ciência e Religião: fundamento para o diálogo”, ele inicia seu argumento com quatro importantes afirmações sobre a ciência e a religião: 1) oferecem perspectivas distintas sobre a realidade; 2) envolvem níveis distintos de realidade, isto é, cada campo do conhecimento explica uma camada diferente da realidade, sendo a ciência sobre como as coisas funcionam e a religião sobre o que elas significam; 3) oferecem mapas distintos da realidade, ou seja, as explicações que elas oferecem podem ser sobrepostas a fim de nos dar uma compreensão mais abrangente do mundo; 4) fornecem abordagens complementares da realidade, pois são distintas formas de olhar para o que Deus criou.

Ainda no capítulo 1, McGrath nos apresenta a metáfora dos “Dois Livros de Deus” que trabalha a ideia de Deus ter escrito dois livros para nós: as Sagradas Escrituras e a Natureza. Ambos os livros revelam Deus de maneiras diferentes, mas podem ser lidos juntos e “cada um iluminando o outro” (McGrath, 2020, p.37). A religião interpreta as Escrituras, a ciência lê a natureza.

Nesta resenha, vamos explorar a defesa que McGrath faz para o diálogo e alguns temas da filosofia da ciência e da filosofia da religião que ele apresenta ao longo do livro para entendermos melhor como as teorias científicas e a teologia participam da construção do diálogo entre religião e ciência.

Do conflito ao diálogo

Ao ouvir sobre a possibilidade de um diálogo entre ciência e religião, alguns rejeitam essa ideia por acreditarem que ciência e fé sempre estiveram em oposição. Uns afirmam que a ciência quer descreditar a religião com suas teorias científicas e por isso devemos ignorar o que a ciência diz. Outros acreditam que a religião se torna obsoleta com os avanços da ciência. Mas McGrath, no capítulo 2, nos mostra como essa narrativa do ‘conflito eterno entre ciência e religião’ foi criada.

A partir da pesquisa de Peter Harrison, um historiador especializado nas relações entre ciência e religião, McGrath nos alerta para a necessidade de analisarmos os contextos históricos e

culturais de momentos na história onde ouve um aparente conflito, como o caso de Galileu. O ‘mito do conflito eterno’ se sustenta por causa de leituras rasas e deturpadas desses casos. Harrison (2017) nos mostra que o cristianismo medieval não era inóspito à ciência, que a Igreja não se opôs a descobertas científicas como o sistema copernicano e que muitos avanços da ciência foram fruto do trabalho de cristãos, como Johannes Kepler.

McGrath cita outro autor, Colin Russell (1989), que chamou essa narrativa do conflito eterno de ‘caricatura grotesca’ e questionou como ela pôde ter alcançado algum grau de respeitabilidade. Desde os anos de 1990, os historiadores têm analisados casos como o de Galileu, sem as influências iluministas, e percebido as complexidades que os cercam.

Se o ‘conflito eterno entre fé e ciência’ não é a verdade, isso significa que é possível sim construirmos pontes de diálogo entre estes dois empreendimentos. McGrath nos aponta, em seu livro, como podemos dissipar os mitos entorno da relação entre ciência e religião e encontrar as bases para construir o diálogo.

Para pensarmos em diálogo entre fé e ciência, precisamos olhar para a filosofia, tanto da ciência quanto da religião para encontrarmos as proximidades nas diferenças. É preciso entender que “nem a ciência nem a religião podem fornecer uma descrição total da realidade”, porém “juntas elas podem nos oferecer uma visão estereoscópica da realidade negada àqueles que se limitam à perspectiva de apenas uma disciplina” (McGrath, 2020, p 17) Se religião e ciência olham para níveis distintos da realidade como então elas se complementam?

Uma ponte filosófica: o lugar da explicação

Há uma dimensão explanatória tanto nas ciências quanto na teologia que McGrath explora ao longo dos capítulos 3 e 4. Esse processo de encontrar explicações faz parte do nosso engajamento com a realidade. Ciência e religião, operando em níveis distintos, estão respondendo de forma diferentes questões semelhantes. Enquanto a teologia pergunta ‘como Deus criou o universo?’, a ciência pergunta ‘como o universo chegou ao estado atual?’ Cada pergunta será respondida por métodos diferentes de acordo com os limites e autoridades dos campos a que pertencem. As ciências se dedicam ao mundo natural e a teologia à autorrevelação de Deus em Cristo (MCGRATH, 2016).

A ciência nos oferece uma explicação, baseada em evidências, sobre como as coisas funcionam na natureza. McGrath afirma que, porque nossa mente é capaz de discernir a racionalidade do universo, podemos “identificar as estruturas mais profundas e os padrões mais amplos que estão por trás de eventos e entidades do mundo natural” (MCGRATH, 2020, p 117). As ciências buscam mecanismos e relações causais para entender os fenômenos.

As teorias científicas são formas de explicar o mundo observável. Em outro livro, McGrath (2016) nos diz que as teorias funcionam como representações parciais da realidade e que para fenômenos complexos muitas teorias se complementam, pois, uma teoria não é capaz de traduzir o ‘todo’ do fenômeno que explica. Desta forma, as teorias estão em constante revisão ao passo que novas descobertas acontecem. Consideremos que “o que realmente importa é quão bem essa teoria pode explicar as evidências existentes e talvez prever descobertas novas e desconhecidas” (MCGRATH, 2020, p 128).

A função da explicação na religião é diferente. McGrath considera que as “explicações religiosas têm a capacidade de dar sentido à experiência como um todo” (MCGRATH, 2020, p 126). As doutrinas são explicações parciais que desenvolvemos, ao longo da história da Igreja, ao interpretarmos as Escrituras. Podemos considerar aqui o nosso “desejo de dar uma explicação completa e adequada da visão sobre Deus” (MCGRATH, 2020, p 186). A religião trata das ‘metaquestões’¹ que ultrapassam os limites da ciência, como a uniformidade da natureza. A religião explica o porquê a ciência é capaz de explicar o mundo natural.

Se aproximamos ciência e religião incorretamente, poderemos chegar no “Deus das Lacunas”, isto é, usaremos Deus como explicação para aquilo que ainda não fomos capazes de entender com os métodos da ciência. Porém, com o avanço científico, essas respostas serão descobertas e então ‘Deus’ deixa de ser explicação para os fenômenos. É por isso que algumas pessoas acham que as explicações científicas anulam Deus. Mas o problema não está na explicação científica e sim em tentarmos encontrar Deus através da ciência sem as Escrituras.

A ciência é capaz de encontrar explicações para um nível da realidade, o mundo natural. Aquilo que está além do natural, também está além do escopo da ciência. McGrath nos diz que as ciências e a teologia, com suas explicações, revelam parte de um todo maior. Aproximar essas explicações nos ajuda a ter um entendimento melhor sobre a realidade que Deus criou. Isso significa que a ciência precisa de suplementação teológica, porque acaba chegando nas questões últimas que é incapaz de responder sozinha.

Das questões penúltimas às questões últimas: o lugar do mistério

Por mais que explicações sejam buscadas tanto na ciência quanto na religião, há certas questões que permanecem sem resposta. Contudo, assim como a explicação ocorre de forma diferente entre esses dois empreendimentos, o mistério também funciona de forma diferente.

Na ciência, o mistério é aquilo que ainda não foi compreendido, mas será ao passo que a ciência avança. É como um problema a ser resolvido. São perguntas temporariamente sem

¹ Aqui McGrath faz uso do termo ‘metaquestão’ como apresentado por Polkinghorne (1986)

respostas que nos mostram a necessidade de continuar pesquisando. Entretanto, até mesmo cientistas acreditam que a ciência não é capaz de explicar o “mistério final da natureza” (PLANK, *Where is Science going?*, 1932 *apud* MCGRATH, 2020, p 267). McGrath nos dá o exemplo de Albert Einstein, que entendia ‘mistério’ como o que está além da compreensão humana. Quando a ciência se depara com algo que está além de seus métodos, um mistério que não cabe no laboratório, é preciso nos voltarmos para a filosofia e para a teologia.

A religião, segundo McGrath, tem a tarefa de lançar uma nova luz sobre os mistérios. O mistério, na teologia, existe por causa da vastidão ontológica de Deus. A linguagem humana não consegue expressar aquilo que a mente humana não é capaz de compreender totalmente. Como seres caídos e finitos somos limitados. Recorremos a analogias, metáforas e modelos para tentar fazer sentido do mundo em que vivemos, mas elas não são suficientes em si mesmas. Mesmo a religião não é capaz de prover todas as respostas que procura.

Entre a explicação e o mistério: construindo diálogo entre ciência e religião hoje

Os debates contemporâneos entre ciência e religião estão neste “limbo” entre o que ainda é mistério e novas explicações. Há questões que a ciência ainda não compreendeu, há questões que a teologia precisa iluminar, para que cheguemos às explicações: as teorias e doutrinas. Porém, como nosso entendimento da realidade é parcial, ainda permanece algum mistério.

McGrath vê a busca desse elo entre o natural e o transcendente como uma “intuição profundamente humana” (MCGRATH, 2020, p 203). Há, na construção desse elo, uma dimensão imaginativa que conecta as diferentes explicações, científicas e teológicas, e o mistério. Recorrendo a José Ortega y Gasset (1967), McGrath apresenta a ligação entre o natural e o transcendente como um arco entre dois pilares que desabou parcialmente. Nós podemos imaginar como o arco era originalmente e fazer conexões.

Então, ao invés de olharmos para temas como evolução e ética como polêmicas, mantendo a narrativa do conflito eterno, podemos olhar para essas questões como mais uma possibilidade para construirmos diálogo. Mais uma oportunidade de entendermos a realidade que Deus criou ao sobrepor os mapas das explicações científicas e teológicas. É preciso ler os dois livros de Deus lado a lado, permitindo que um contribua com a interpretação do outro.

Me. Adryana Diniz Gomes

Referências bibliográficas

- BARBOUR, Ian. Issues in Science and Religion. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1996.
- HARRISON, Peter. Os Territórios da Ciência e da Religião. Viçosa: Ultimato, 2017
- MCGRATH, A. A ciência de Deus: uma teologia científica. Viçosa: Ultimato, 2016.
- ORTEGA Y GASSET. El origen deportivo del estado. Citius, Altius, Fortius, vol 9, nº1, 1967.
- POLKINGHORNE, John. One World: the interactions of faith and Science. Londres: SPCK, 1986
- RUSSELL, Colin A. The conflict metaphor and its social origins. Science and Christian Belief, vol 1, 1989, p.3-26.